

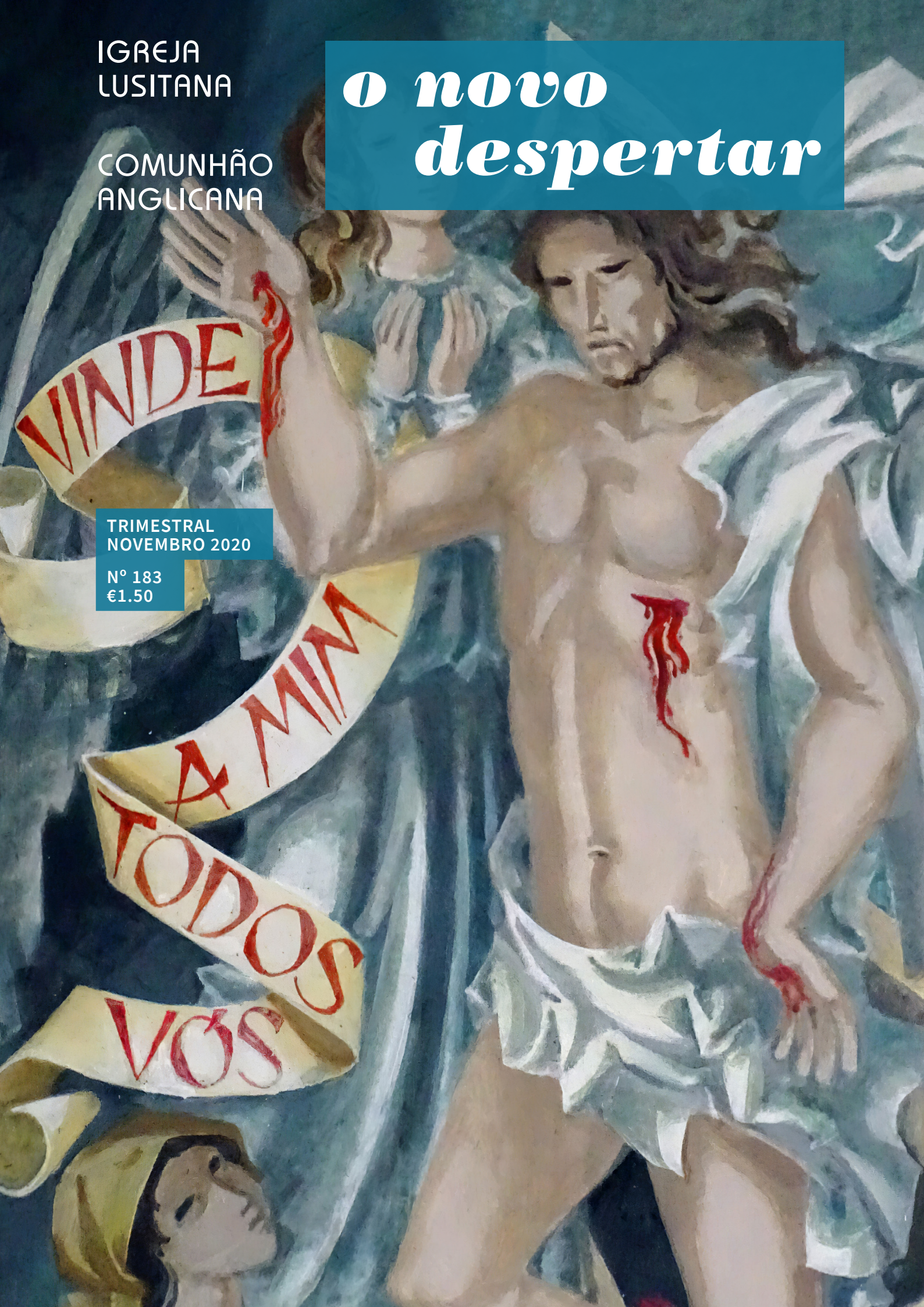
IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

TRIMESTRAL
NOVEMBRO 2020

Nº 183
€1.50



DESTAQUES NESTA EDIÇÃO



Pág. 7
Colocação de Vitrais na Paróquia de Lusitana de S. Marcos



Pág. 13 a 18
98º Sínodo Diocesano



Pág. 20 a 22
Apelo a uma Economia de Vida



Pág. 24 e 25
Discurso do Ódio

Leia e divulgue o Novo Despertar

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.
siga-nos no: www.facebook.com/igrejalusitana
versão digital do Novo Despertar no site da Igreja



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Comunhão Anglicana **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, José Manuel Cerqueira, Catarina Sá Couto **Colaboradores neste número:** Eduardo Morais, Alexandra Maria Vidal, Joaquim Francisco Silva Pinto, Helena Maria Pina Cabral, Raquel Teixeira, Mariana Sá Couto, José Carlos Antunes, Mazukielves Morais **Fotografia de Capa:** Autoria de Mazukielves Morais - Pormenor do tríptico existente na Paróquia Lusitana da Sagrada Família da autoria do Mestre Guilherme Camarinha **Revisão de textos:** Helena Pina Cabral **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



D. Jorge Pina Cabral

O OLHAR QUE SE TORNOU BENÇÃO

A leitura do Antigo Testamento em Deuterónimo 34,4 surpreende-nos com a declaração de Deus a Moisés: «Esta é a terra que eu prometi a Abraão, a Isaac e a Jacob que a havia de dar aos seus descendentes. Constei que a visses com os teus próprios olhos, mas não poderás lá entrar». A impossibilidade de Moisés entrar na terra prometida, parece-nos algo injusta. Com efeito, Moisés contra sua vontade guiou o povo de Israel durante 40 anos no deserto. A sua tarefa como líder e mediador entre Deus e o seu povo foi muito difícil e exigente. Por um lado, ele foi o profeta que apresentou as exigências de Deus e por outro o advogado que sempre defendeu o seu povo perante o Senhor. Homem humilde foi chamado por Deus para libertar o povo da escravidão do Egito e conduzi-lo até à terra que Deus tinha prometido a Abraão, a Isaac e a Jacob. Se com sacrifício cumpriu o que Deus lhe tinha pedido porque não pode agora usufruir do gozo da entrada na terra prometida?

Com esta e outras interrogações no pensamento visitei recentemente o Mosteiro da Batalha bem perto de Leiria. Como que fiz uma redescoberta de um templo maravilhoso marcado por um estilo de arquitetura que me é particularmente querido, o estilo gótico. A beleza e a luminosidade dos vitrais existentes, o tom claro e quente da pedra escolhida e trabalhada, a altura imponente das esbeltas colunas que sustentam a nave central da Igreja e a impressionante beleza do teto da capela do fundador (Rei D. João I), enquadram-se num conjunto de diversos espaços harmoniosamente ligados entre si e que nos permitem um passeio na história imbuído de uma profunda espiritualidade que nos eleva e aproxima de Deus. Ali respira-se e sente-se uma história não só marcada por feitos gloriosos e épicos, mas também e principalmente por uma procura e desejo de aproximação e gratidão à majestade, beleza e transcendência de Deus.

Chamou-me atenção a própria história e tempo de construção de todo o complexo do Mosteiro. Iniciada em 1386 só mais tarde no século XVI são finalizadas as chamadas «capelas imperfeitas». De D. João I a D. Manuel I a obra inicial é continuada por diversos reis, arquitetos e construtores que a foram assumindo e redesenhando em função de diferentes contextos e influências políticas, religiosas e arquitetónicas. Ao longo do tempo e de séculos a visão inicial vai ganhando diversos contornos e protagonistas no construir de uma história que partindo de uma visão particular passa a

ser património coletivo de um povo e hoje justamente também considerado de património mundial.

A visita ao Mosteiro da Batalha termina nas chamadas «capelas imperfeitas» que deveriam antes ser chamadas de «capelas inacabadas». O conjunto circular das sete capelas encontra-se a céu aberto dado que nunca se concluiu a cobertura das mesmas. O local ganha deste modo uma singularidade única já que o olhar do visitante se projeta para o infinito e a eternidade da abóbada celeste. As capelas inacabadas como que nos dizem que uma obra desta beleza e alcance nunca terá fim e não poderá ser terminada por mãos humanas.

Toda estas histórias e realidades presentes naquele mosteiro e monumento ajudam-nos a compreender que cada um de nós é chamado a integrar-se numa história coletiva maior que nos precede e continuará para além da nossa própria história singular e terrena. Somos como que um elo de uma cadeia e tradição que se tornará tanto mais bela e transcendente quanto formos capazes de nos dar e superar no chamamento que nos é feito e na vocação que nos é concedida realizar. A grandeza da nossa obra encontra-se mais nos novos desenvolvimentos que a mesma virá a proporcionar do que propriamente naquilo que viermos a construir ou tomar como nosso. Requer-se esta consciência humilde de que a dinâmica da construção do Reino de Deus inscrita na História da Salvação e iniciada com o chamamento de Abraão não depende só de mim e não se fina ao meu tempo histórico.

Longe de ter sido preterido, Moisés foi abençoado com a visão de uma terra e de uma pátria pela qual tanto trabalhou. A promessa de Deus tornou-se uma realidade visível a ser agora vivida e usufruída pelas novas gerações. O seu esforço não foi em vão e deu muito fruto. Assim a Moisés sucedeu Josué, «homem cheio de sabedoria» que a seu jeito e modo continuou um percurso histórico coletivo assente na visão de Deus e sempre sustentado pelo Seu cuidado e fidelidade.

Que cada um de nós, em particular neste tempo de exigência redobrada, se sinta parte de um caminhar coletivo que também requer o nosso contributo, os nossos dons e o nosso olhar... para o futuro.

Ámen

+ Jorge



CONFIRMAÇÕES E NOVA JUNTA PAROQUIAL EM S. TOMÉ

Domingo 19 de Julho de 2020 foi um dia muito especial para a paróquia de S. Tomé em Castanheira do Ribatejo dado que os jovens Violeta Gabriela Derihaci e Marco António Vicente Antunes foram confirmados com o Espírito Santo e deste modo fortalecidos para o serviço de Missão a que são chamados. A administração do rito sacramental da Confirmação aos dois jovens decorreu no contexto da Eucaristia.

O Bispo Jorge Pina Cabral que presidiu à celebração foi acolitado pelos Diáconos Raquel Teixeira e Sérgio Cabaço tendo exortado na sua homilia todos os presentes e em especial os confirmandos a serem boas sementes do Reino de Deus. Aos jovens Violeta e Marco a comunidade deseja que a graça celestial os ajude a crescer dia a dia na alegria e na confiança que provem do Espírito Santo e que a semente da Palavra produza bons frutos nas suas vidas.

No contexto da preparação para o Sínodo Diocesano foi eleita uma nova Junta Paroquial para o biênio 2020-2022 que presidida pela Diácona Raquel Teixeira passa a ser constituída pelos irmãos em Cristo : José Carlos Le-Retord Figueiredo Vicente Antunes - secretário e delegado paroquial ao Sínodo; Paulo Marcos Saldanha Ferreira - delegado paroquial ao Sínodo; Sandra Isabel Apolinário Vicente Antunes – tesoureira; Ana Margarida Saldanha Ferreira – vogal; Isabel Rute Saldanha Ferreira – vogal e Nelson David Castanho Alexandre - vogal.



NOVO MEMBRO E NOVA JUNTA PAROQUIAL NO BOM PASTOR

Na celebração dominical de 12 de Julho passado realizada na paróquia do Bom Pastor em Vila Nova de Gaia foi recebido como membro da Igreja Lusitana o jovem Delrymar Alves. A cerimónia presidida pelo Bispo Diocesano que foi acolitado pelo pároco Reverendo Sérgio Alves constituiu um tempo de profunda alegria e gratidão a Deus pelo acolhimento e integração de mais um irmão na comunidade da fé. Como expressão da sua alegria e compromisso o novo membro deu o seu testemunho referindo: “Literalmente foi preciso eu atravessar um oceano para conhecer na prática algo que eu já sabia em teoria - que a Igreja de Jesus é católica, é universal, e Deus usa-a para cuidar dos seus. Aonde formos, haverá um servo ou uma serva do Senhor para estender a mão a quem mais precisa. Mas há locais em que, inexplicavelmente, nos sentimos mais à vontade. Bem disse, ontem à noite meu amigo Edson Fernando, que a essência de uma comunidade cristã é o acolhimento. E foi aqui, na Igreja Lusitana, que me senti abraçado”. Atualmente o Delrymar integra a Direção do SJIL e colabora ativamente na vida da paróquia.

Também no domingo 2 de Agosto realizou-se a eleição e tomada de posse da nova Junta Paroquial que presidida pelo pároco terá como membros para o biênio de 2020-2022 : Ema Gaspar – representante paroquial; Rute Serronha – representante paroquial, António Vaz Pinto, Carlos Leal e Fátima Mesquita.

PARÓQUIAS REMODELADAS

COM APOIO AUTÁRQUICO

No contexto de um acordo de colaboração estabelecido entre o Município de Vila Nova de Gaia e a Igreja Lusitana, os templos das paróquias do Salvador do Mundo (Coimbrões) e de Cristo (Oliveira do Douro), foram alvo de importantes obras de remodelação e de beneficiação num montante global de 40.000 € (quarenta mil Euros). As intervenções, entretanto, já concluídas, foram diversas e passaram pela estabilização de estruturas, remodelação de telhados, criação de novas acessibilidades para pessoas incapacitadas, melhoria de sistemas elétricos e de aquecimento e diversas pinturas. Atenta à necessidade urgente de intervenção e à insuficiência financeira das paróquias, a Diocese da Igreja Lusitana solicitou o apoio do Município local que tendo em conta a promoção e salvaguarda dos interesses da população designadamente no domínio do património, considerou importante e justificado o estabelecer de um acordo com apoio financeiro.

Ambas as comunidades eclesiais definiram as prioridades de intervenção e acompanharam todo o processo das obras tendo inclusive desenvolvido outras intervenções a expensas próprias para além das previstas.

Instado a comentar esta cooperação, o Bispo da Igreja Lusitana sublinhou a necessidade da manutenção do importante património edificado que está a cargo das paróquias e a necessidade das respetivas juntas paroquiais solicitarem aquilo que lhes é de direito, ou seja, o apoio e a colaboração dos respetivos municípios. Urge assim uma maior colaboração de cada paróquia lusitana com as respetivas autarquias.

Por tudo o que foi alcançado as paróquias deram graças a Deus em momentos litúrgicos próprios.



COLOCAÇÃO DE VITRAIS

NA PARÓQUIA LUSITANA DE S. MARCOS

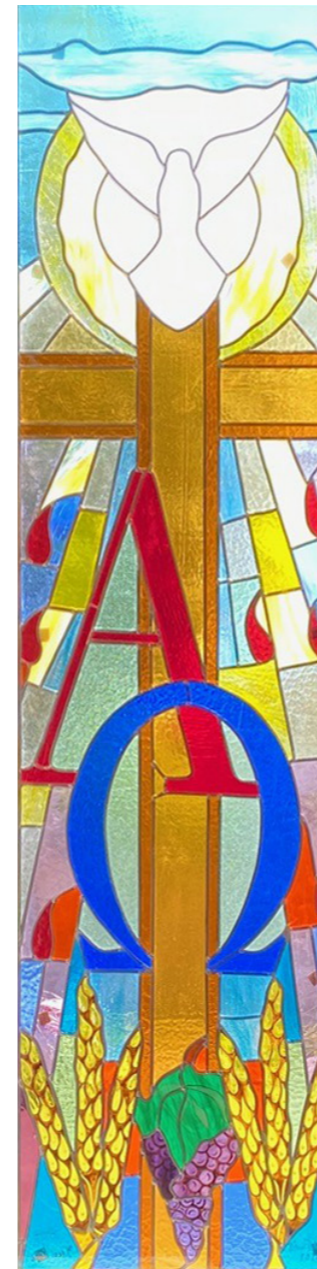
GRATIDÃO A DEUS PELAS BENÇÃOS RECEBIDAS

Como expressão de gratidão a Deus pelas muitas bênçãos recebidas ao longo da vida, o casal João e Miriam Borrego ofereceu à paróquia lusitana de S. Marcos, da qual são membros, dois bonitos vitrais que passaram a embelezar o templo, situado na vila ribatejana de Salvaterra de Magos. Seguindo uma técnica de construção própria, os vitrais são visíveis quer do interior quer do exterior da Igreja o que tem suscitado reações de muito agrado vindas da comunidade envolvente.

A ideia surgiu depois de João e Miriam terem visionado o conjunto de vitrais existentes nas paróquias lusitanas do Norte, através das transmissões da Eucaristia realizadas pela diocese no período do confinamento. Um dos vitrais apresenta a figura de S. Marcos, patrono da comunidade, com um leão aos pés dado que o seu Evangelho se inicia com o «clamor no deserto» de S. João Batista. O outro inclui a pomba e as línguas de fogo que se referem à descida do Espírito Santo, bem como as letras Alfa e Omega que na tradição cristã simbolizam a eternidade de Deus.

Neste vitral faz-se ainda uma alusão à Eucaristia, através das mesmas figuras das espigas e cachos de uva presentes na bandeira da vila de Salvaterra de Magos. Nas Igrejas sempre se valorizou a beleza e a arte como forma de expressão e aproximação ao divino. Os vitrais com a sua composição visual bem elaborada e com as suas múltiplas cores serviram e continuam a servir a essa aproximação. As duas obras de arte foram confeccionadas no atelier Vitral D'Arte pela artista Maria Amélia.

A presença lusitana em Salvaterra de Magos data de 4 de Março de 1944, por iniciativa do evangelizador José Ilídio Freire. Inicialmente a comunidade reunia-se num pequeno armazém na rua do Pinheiro. Apesar do então ambiente hostil o grupo foi crescendo mudando-se mais tarde para um espaço próprio na avenida central da vila atual localização da Igreja. A comunidade é atualmente pastoreada pela Reverenda Ilma Rios. Os vitrais serão dedicados a Deus em celebração a marcar oportunamente com a presença também das autoridades civis da vila. Miriam e João esperam que este pequeno testemunho possa contribuir para o alargamento da comunidade paroquial. Que assim seja!





OLHAR O MUNDO COMO UM TODO

Em primeiro lugar, quero agradecer o convite dirigido pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral e pelo Diácono Jaime Dias, para partilhar um testemunho a respeito da minha experiência de vida no estrangeiro e de como a génese de vida em Cristo e em comunidade tem auxiliado a adaptação e integração no seio de novos países e novas culturas.

Desde muito cedo tivemos na família pais, tios, primos que emigraram. Crescemos com a distância de ter entes queridos a procurar presentes e futuros melhores e a saudade, à espera, dos regressos. Talvez por isso, também eu acabei por “calçar os mesmos sapatos” que me levaram pelo caminho da emigração; uma emigração mais selectiva, de maior valor acrescentado assente na educação mas, sem dúvida, a mesma da distância e da saudade. Isto fez com que tenha tido sempre o foco de conciliar uma visão global do meu percurso profissional acompanhado, obrigatoriamente, com a família.

O meu primeiro projecto de trabalho no estrangeiro foi no Brasil entre os anos de 2004 e 2005. A brevidade da experiência, já em família, permitiu contactar com a realidade da emigração na primeira pessoa; as dificuldades, a importância

da aculturação a novas realidades, mas principalmente, a mudança de visão para a vida assente em olhar o mundo como um todo sem fronteiras ou barreiras, percebendo a normalidade que pode ser viver noutro país para além do nosso país de origem.

A realização do propósito de vida no estrangeiro com um alto nível de educação, capaz de ser elemento diferenciador e dinamizador da criação de um impacto positivo no meio, tem-me motivado a procurar continuamente novo conhecimento: – “*Acima de tudo, adquiere sabedoria e conhecimento, ainda que te custem tudo o que possuis.*” (BÍBLIA, Provérbios 4, 7). Após a minha Licenciatura em Gestão de Empresas, fiz um Mestrado em Economia e Gestão Internacional e em Junho de 2019 concluí uma Pós-Graduação – Global Executive MBA – na ‘IESE Business School’ uma das principais escolas de negócios¹. Este programa altamente especializado no âmbito das ciências empresariais, dota os formandos de um forte conhecimento holístico do universo da gestão de negócios numa escala global e multicultural, desenrolando-se por um período de 16 meses entre Espanha, Estados Unidos da América, Brasil, Índia e China.

Em sintonia com o propósito de vida, iniciei a partir de 2011 um projecto em Angola numa empresa portuguesa - GRUPO PETROTEC² - que tem como principal actividade a engenharia, construção e fabrico de produtos e soluções para o retalho, distribuição e armazenamento de produtos combustíveis. Para além de Portugal, com sede em Guimarães, este Grupo está presente directamente via empresas subsidiárias em 7 países, Espanha, Reino Unido, Índia, Angola, Moçambique, África do Sul e México e indirectamente, via distribuidores, em mais de 70 países.

Na África Austral as nossas operações são geridas por uma equipa baseada em Luanda; em conjunto com dois colegas compomos o conselho de gerência sendo a minha função a de Director Financeiro para a região. Gerimos 3 países, 12 empresas e 520 colaboradores com um compromisso que tem permitido que a operação de África contribua com a maior parte dos resultados internacionais do Grupo. Paralelamente, ao longo dos últimos 10 anos temos sido uma referência de investimento, via capacitação de produção industrial, formação de recursos humanos, melhoria do rendimento e condições de vida das famílias dos colaboradores das nossas empresas.

A par da vertente profissional foi importante estruturar a vida em família, com relevo para os filhos, Leonardo e Leonor, que viveram os seus últimos 8 anos em constantes viagens entre Porto e Luanda. Acreditamos que esta experiência sendo também muito enriquecedora para eles, os dotou de uma visão multicultural onde presenciaram situações positivas, outras menos positivas, viajaram por vários países em África e aprenderam a gerir as dificuldades próprias em comparação com outras crianças que vivem extremos ofuscantes: crianças com tanto que vivem uma cultura idiossincrática baseada na aparência opulenta e crianças pobres e carenciadas, de uma humildade arrebatadora.

A nossa experiência de vida tem sido muito apoiada. Em primeiro lugar mantivemos sempre contacto de suporte muito forte com a nossa comunidade e família e a distância física sempre foi compensada com a proximidade do carinho e atenção dos nossos entes queridos. Acresce que sempre viemos a Portugal várias vezes por ano, o que para além de acalmar as saudades permite recuperar energias. Nestas visitas, sem dúvida,

o suporte espiritual da Igreja através do culto, quando chegamos ou partimos, tem um efeito reconfortante que nos remete para o mais básico dos nossos valores enquanto indivíduos e família. Sabermos que na nossa ausência somos presença constante nas orações da comunidade, o que enche os nossos corações e ajuda a guiar o nosso caminho. Em segundo lugar o facto de termos ligações familiares a Angola amortizou muitos dos impactos que sentimos no início de todo o processo: as pessoas, a cultura, a necessidade de criar uma base familiar, escola, novas rotinas.

No presente ano de 2020 concluímos o nosso projecto de vida em África. É o momento de voltarmos a Portugal, à nossa base familiar, para preparar o futuro próximo. Para os jovens será o arranque de nova fase académica, para mim a possibilidade de olhar para novos projectos, por onde quer que passem.

Nos últimos anos a vida foi acontecendo de forma mais ou menos prevista, novas aprendizagens fizeram-nos evoluir de diferentes formas. Acredito que não há dois caminhos a percorrer ao mesmo tempo. Tomamos decisões que têm no tempo um impacto na nossa vida e no nosso meio envolvente, porém, temos sempre fé em Jesus Cristo e acreditamos que fazemos o melhor para crescermos e fazermos crescer e que somos guiados, em protecção, por Ele! - “*Vivemos da fé, sem vermos ainda com clareza.*” (BÍBLIA, 2 Coríntios 5, 7)

*Eduardo Miguel Teixeira Morais
Paróquia de S. João Evangelista*

1. <http://rankings.ft.com/businessschoolrankings/global-mba-ranking-2020>

2. <https://www.petrotec.com/>

A nova secção Igreja em Diáspora passará a apresentar experiências e testemunhos de vida e de fé de membros da Igreja Lusitana no estrangeiro.

OS SALMOS E AS CRUZES DA VIDA



Quantas vezes ao longo das nossas vidas somos confrontados com situações inesperadas? Certamente, muitas vezes!

Creio que eu, tal como muitos de vocês, fui apanhada de surpresa por este fenómeno pandémico que de um dia para o outro mexeu com as nossas vidas, as nossas ilusões, esperanças e expectativas. Uns deram-se mal com o confinamento, outros com o desconfinamento e cada um se agarrava ao que podia, desde internet, televisão, música, enfim... Até foi criada a expectativa de que depois de tudo isto a vida voltaria ao normal e que iria ficar tudo bem. Não, outra ilusão! Ao longo da História a Humanidade foi desafiada com pandemias, desastres e guerras. Sempre foi assim e sempre será. Mas quando nós, como indivíduos, nos deixamos abater, vacilar e caímos no desconforto da apatia e desolação aonde vamos procurar as forças perdidas?

A primeira atitude é defensiva, ou seja, num mundo inundado de “heróis” e “vencedores” o primeiro ato é esconder, disfarçar. Até que, quando já não podemos mais, é hora de chamarmos o médico e ter esperança na receita do medicamento milagroso que faça a vida voltar a sorrir. Mas a consulta tardava, tardava e chegámos a uma etapa onde nos sentimos no meio do deserto, sem rumo; foi precisamente neste ponto que olhámos para o céu à espera de uma resposta - mas qual?

Foi então que me recomendaram a leitura dos Salmos, dizendo que estes continham muitas respostas para as minhas dúvidas e que talvez fossem um bom

medicamento para a alma. Reconheço que hesitei, também reconheço que ao longo de todos estes anos nunca tinha lido um só Salmo nesta perspetiva. Para mim, os Salmos usavam-se para as celebrações litúrgicas e nada mais. Nada mais? Pois foram muito mais do que isso!

Hesitante, comecei a ler aleatoriamente um aqui, outro ali e parava para refletir sobre a sua leitura. E assim passou a ser noite após noite, dia após dia e eles revelaram-se. Escritos em tempos imemoriais são palavras que têm acompanhado a Humanidade na tristeza, na alegria, na proteção. O desfiar das palavras de Deus transformou-se num caminho que comecei a atravessar ao encontro d’Ele mesmo, porque senti então que o que precisava era de me reencontrar novamente com Ele. E desta vez não era eu que pedia para Deus vir até mim, mas sim eu é que estava a ir ao seu encontro e a pedir que me guiasse ainda mais.

E assim foi e continua a ser o meu percurso de recuperação de um momento menos sorridente e da “Angústia e esperança do justo” (Salmo 22), visitando o “Bom Pastor” (Salmo 23) e mantendo a “Confiança em Deus” (Salmo 27). Entrei assim num processo de crescimento espiritual. Nada me conforta mais agora, do que a leitura quotidiana dos Salmos.

E assim meus irmãos e irmãs vos recomendo vivamente que entreis nesta jornada em momentos mais hesitantes das vossas vidas, pois a ingestão dos Salmos não tem limitações e não tem efeitos secundários! Eles espelham a nossa própria vida!

Alexandra Maria Vidal
Paróquia do Salvador do Mundo

O LIVRO QUE SUSTENTA A FÉ



Numa altura em que não se podiam realizar cultos dominicais e foram as redes sociais as ferramentas que nos apoiaram para continuar a ouvir a voz de Deus, verifiquei que aquele pequeno livro, usualmente colocado junto à porta da Igreja para ser recolhido à entrada e deixado de novo à saída, estava agora indisponível e logo numa altura em que eu dele precisava.

Procurei e acabei por encontrar o livro de família, ainda com o nome da minha mãe, e passei a utilizá-lo, em casa, nos Cultos Dominicais e bem assim na Oração da Noite das Quartas-feiras.

O Livro de Oração Comum (liturgia da Igreja Lusitana), que julgava conhecer bem, tinha afinal uma imensidão de “novidades”. É verdade que o facto de estar a frequentar o Curso de Imersão no Anglicanismo me tem alertado para alguns factos que desconhecia, ou conhecia mal, em relação ao LOC, mas em cada celebração eu descobria qualquer coisa de novo que me obrigava a pensar e consolidar ideias. Acredito que, sem dúvida, o momento actual nos desafia a conhecer melhor aquilo que até aqui aceitaríamos sem grande esforço. Penso por isso que todos, e falo da nossa experiência aqui em casa também, procuramos mais e melhor perceber e explorar o livro de liturgia como forma complementar de apoio na Fé e meio de a percebermos e enquadrarmos melhor. Ele ajuda-nos em todos os momentos do dia e, sempre que precisamos, encontramos nele uma resposta.

Creio que mais tarde, finda esta crise pandémica, seria interessante transformarmos a “ferramenta” do livro de liturgia no verdadeiro instrumento, que é, de vivência da Fé na Igreja de Cristo. Compreendermos as razões da sua criação, as pequenas diferenças existentes entre as liturgias Anglicanas, e percorrê-lo nas suas diferentes instâncias, será, seguramente um excelente exercício de vida em Igreja. Percebermos que o podemos utilizar em família e a nível pessoal como um grande e fácil apoio na vivência quotidiana da Fé. Compreendermos a sua forte relação com a Bíblia.

Na sua simplicidade oportuna, uma Oração da Manhã, da Tarde ou da Noite, ganham força porque “até as podemos fazer na solitude das nossas casas”, como dizia recentemente o nosso Bispo num oportuno comentário. Durante este tempo de pandemia falamos mais e a nossa relação está por isso mais forte. Eu acrescentaria - temos tido mais tempo para compreender e sentir a vida em Igreja.

Sempre gostei de ler uma ou outra passagem bíblica. Depois do desafio de procurar intepretar as múltiplas potencialidades de mensagem nelas contidas. Agora, junto à Bíblia, está o Livro da liturgia da Igreja Lusitana. Também ali encontro múltiplos desafios de afirmação como Cristão.

Joaquim Francisco Silva Pinto
Paróquia de S. João Evangelista

SALMOS

Introdução — O livro dos Salmos, cujo título deriva do que lhe foi dado na antiga versão grega dos Setenta, a Septuaginta, do Antigo Testamento, *Psalmoi* (poemas para serem cantados com música instrumental), é uma recolha de 150 orações poéticas, usadas no culto pelos israelitas. A numeração indicada entre parênteses é a da antiga versão grega, ainda hoje seguida por algumas Igrejas, na qual os salmos 9 e 10 são considerados como um só e o salmo 147 é dividido em dois.

Embora só 73 dos salmos sejam atribuíveis a David, todo o conjunto dos 150 é popularmente conhecido por “Salmos de David”. Os restantes 77 salmos foram compostos por vários autores, cujos nomes vêm referidos: 12 de Assaf, 11 dos filhos de Corá e outros de Heman, Jedutum, Moisés e Salomão; e 35 não são atribuídos a nenhum autor.

Ao longo dos tempos, os Salmos têm sido utilizados em cultos religiosos, tanto de judeus como de cristãos. Jesus cantou salmos (Mt 26,30; Mc 14,26) e citou vários salmos no seu ensino (Mc 15,34; Lc 23,46). Tal como no resto do Antigo Testamento, há nos Salmos uma prefiguração de Cristo, o Messias, do seu sofrimento (Sl 22; 69) e da sua ressurreição e glorificação (Sl 16; 110; 118). No Novo Testamento há mais de cem citações do livro dos Salmos.

Os salmos são de várias categorias: hinos de louvor e adoração a Deus; cânticos sobre a majestade divina; súplicas de protecção, ajuda e salvação; expressões de arrependimento



IGREJA QUE NUNCA FECHOU



Tinham passado dois dias sobre a declaração do estado de emergência em Portugal e ficámos a saber que as Igrejas, tal como a maioria dos locais públicos, iam fechar. Situação inédita, que a muitos trouxe estranheza e apreensão interior. Comunidade que não se encontra, que em conjunto não celebra o culto e a eucaristia? Comunidade- família que não se vê, não se fala?

Rapidamente, uma certeza: não podíamos ficar sem saber uns dos outros, sem nos apoiarmos mutuamente, sem em conjunto continuarmos a partilhar caminho. A resposta, fruto dos tempos atuais, surgiu com facilidade: a criação de um grupo no WhatsApp onde foram adicionados todos os membros da paróquia de S.João Evangelista que dispunham desta facilidade de comunicação através dos seus telemóveis.

Através do WhatsApp passámos a poder partilhar mensagens de texto, vídeos, documentos ou links para outras aplicações. Num instante o grupo cresceu e “à roda da mesa” ficámos cerca de 80 pessoas. A comunicação surgiu com facilidade e fluiu sempre livremente. Em média, por dia, foram trocadas cerca de 30 mensagens, o que até hoje permitiu construir uma conversa comum com cerca de 3.600 interações!

Mais do que os números, porém, a riqueza desta forma nova de se fazer comunidade esteve na partilha de reflexões, de estados de alma. Esteve na troca simples de palavras com que nos cumprimentávamos diariamente - passámos a dar as boas noites uns aos outros e a desejar um dia feliz logo pela manhã. Em conjunto lembrámos quem fazia anos e celebrámos estas datas com alegria. Em comunidade apoiámo-nos mutuamente em momentos mais difíceis, como o foram a notícia de doenças ou mesmo de falecimentos de pessoas amigas e conhecidas.

Como família, sentimos como a vida se fez presente, por vezes de forma intensa, como quando celebrámos o nascimento de dois bebés, familiares de membros da comunidade, e lhes demos as boas vindas ao mundo! Como cristãos sentimos-nos reforçados na nossa fé com as múltiplas orações que íamos partilhando. Momentos fortes foram sempre os da leitura da reflexão que diariamente o nosso irmão José Manuel Cerqueira connosco partilhava: a partir de textos bíblicos partíamos, guiados por ele, para a atualização do sentido da Palavra no concreto e no presente das nossas vidas.



Tantas riquezas! Tantos motivos para estarmos gratos a Deus, que nos fez perceber que, realmente e como já foi escrito, “a Igreja não fechou, o que fechou foi o templo, porque a Igreja somos nós”. Somos nós, Corpo de Cristo, que só se percebe na sua plenitude quando todos os seus membros se mantêm em comunhão. Porque não há corpo que possa sobreviver desfeito em partes que não se encontram, que não se reconhecem entre si. Deus fez-nos entender, neste tempo de pandemia, que ninguém é cristão sozinho, que não há Igreja sem partilha de vida entre os seus membros, que é na reunião do todo que as partes descobrem a vida.

Tempos estranhos e difíceis, sem dúvida, estes que fomos chamados a viver. Mas tempos também ricos, porque de descoberta de outras formas de mantermos a Igreja aberta. Sempre aberta, enquanto nos mantivemos próximos, mesmo que à distância. E na descoberta destas possibilidades - a que acrescem as possibilidades também tecnológicas de que dispusemos e que nos permitiram, por exemplo, seguir dominicalmente a celebração eucarística em nossas casas - se cria a possibilidade de explorarmos novos caminhos para a concretização da missão da nossa Igreja.

O grupo do WhatsApp da paróquia de S.João Evangelista mantém-se vivo e a funcionar, mesmo agora que o templo já reabriu. Só este facto é testemunho bastante da riqueza que se conseguiu criar. Por tudo e com alegria agradecemos a Deus!

*Helena Maria Pina Cabral
Paróquia de S. João Evangelista*



980 SÍNODO DIOCESANO

"Celebrai com Júbilo ao Senhor" (Salmo 100)

SÍNODO

DE RESILIÊNCIA E DE GRATIDÃO



O 98º Sínodo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Comunhão Anglicana), reuniu-se na Igreja de S. João Evangelista – Torne, Vila Nova de Gaia entre os dias 4 e 5 outubro de 2020, sob o tema “Celebrai com Júbilo ao Senhor”, que faz parte do texto do Salmo 100. Este versículo marcou o espírito dos trabalhos, mas especialmente sublinhou o facto da reunião Sinodal celebrar os 140 anos da fundação da Igreja Lusitana e os 40 anos da integração da Igreja Lusitana na Comunhão Anglicana. O sentido celebrativo orientou todo o espírito dos trabalhos e reflexões feitas pelos cerca de 40 participantes representativos do clero e povo da Diocese.



Os trabalhos do Sínodo abriram com um tempo de Oração, no decorrer do qual se prestou uma sentida homenagem às vítimas da Pandemia do Covid-19 espalhadas por todo o mundo e se invocou a assistência do Espírito Santo para o trabalho abnegado e competente desenvolvido neste contexto adverso por todos os profissionais de Saúde.



O Sínodo acolheu as saudações de vários responsáveis da Comunhão Anglicana e das Igrejas irmãs, nomeadamente do Bispo Anthony Poggo, Conselheiro do Arcebispo de Cantuária para os assuntos da Comunhão; do Bispo Robert Innes da Diocese Anglicana Inglesa na Europa e do Bispo Maurício José Araújo de Andrade da Diocese Anglicana de Brasília. No âmbito das relações Ecuménicas foram recebidas as saudações do Bispo da Diocese do Porto da Igreja Católica Romana, D. Manuel Linda; do Bispo José Sifredo Teixeira, da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, e do Pastor Paulo Medeiros Silva, Presidente da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal. Presencialmente tivemos o privilégio de ter connosco, no segundo dia de trabalhos, o Bispo Emérito da Igreja Lusitana, D. Fernando da Luz Soares, que dirigiu uma saudação aos presentes.



A aprovação das decisões da Comissão Permanente e da Comissão Executiva e a análise e discussão dos relatórios dos diversos departamentos, institutos e secretariados da Igreja proporcionou um rico tempo de partilha e de reflexão conjunta. Com muita alegria o Sínodo acolheu e no contexto do aniversário da Igreja, a edição de um livro da autoria do Dr. António Manuel S. P. Silva intitulado «Igreja Lusitana – uma breve história».

Na sequência de propostas apresentadas pela juventude da Igreja o Sínodo aprovou a elaboração de um Roteiro Verde capaz de orientar a Igreja nos seus diversos níveis e âmbitos com procedimentos assumidos ao nível da reciclagem, da redução das emissões de carbono, na opção por transportes menos poluentes, na redução do uso de plásticos e na opção por ementas com menor pegada ecológica.



Tomando por base o Salmo 100 o Sr. Bispo D. Jorge Pina Cabral, na sua alocução, referiu que este Salmo é um grande hino de louvor e ação de graças a Deus e por isso começa com uma exortação a todos os povos da Terra para que o louvor e adoração sejam feitos com entusiasmo alegria e cânticos de Júbilo. Considerou inspirador e um sinal da Ação do Espírito Santo, o facto de todas as paróquias lusitanas terem aberto as suas portas ao Culto público no passado dia 31 de maio, Domingo de Pentecostes, após o tempo de confinamento vivido.

Esta abertura acentua a exigência da solicitude pastoral para com todos aqueles que, por qualquer motivo, ainda não se sentem seguros para se deslocarem à Igreja. A Igreja Lusitana sente-se particularmente sensível para com o visível crescimento das necessidades sociais e humanas que a rodeiam. Neste sentido, o Bispo diocesano instou todas as comunidades da Igreja Lusitana a desenvolver serviços de apoio humano e social cada vez mais consistentes e abrangentes às comunidades envolvidas.

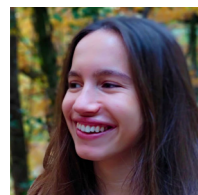
Neste âmbito congratulou-se pela recente criação do Secretariado de Diaconia (Serviço) da Igreja Lusitana que ajudará a concretizar mais e melhor o que já está a ser feito e tudo o que ainda poderá vir a acontecer no campo da Solidariedade Cristã. Referiu tam-

bém o projeto que está atualmente a ser desenvolvido pelas paróquias da Igreja no apoio a migrantes em colaboração com o Alto Comissariado para a Migração.

Ainda na sua alocução e referindo-se ao tema Sinodal, D. Jorge reforçou que mesmo neste contexto de pandemia se justifica celebrar, numa celebração que se incarna nos acontecimentos e dramas da vida que sempre exigem respostas e trazem desafios. Mas é uma celebração como ato de confiança e um Júbilo sereno mesmo no meio das adversidades. Para que isto aconteça na realidade é essencial alimentar uma vida de oração que deixe fluir a essência de Deus em cada um, sendo que teremos sempre nos Salmos uma fonte de inspiração e sempre poderemos contar com a solicitude de Deus que acompanha o seu povo como seu Pastor.

A alocução episcopal terminou com um apelo a um compromisso da Igreja com uma Eco-Teologia capaz de assegurar uma sustentabilidade não apenas virada para o imediato, mas capaz de proporcionar às novas gerações melhores condições de vida e a uma prática ecuménica que parte dos desafios vividos na Casa Comum («Oikos») para uma ação conjunta de serviço à humanidade e a toda a Criação.

NOVAS PRESENCAS COM NOVAS VISÕES



Mariana Sá Couto

Coordenadora do Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana

O que significa para uma jovem participar na reunião Sinodal?

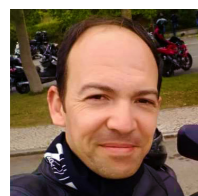
Participar no Sínodo foi uma experiência muito rica para mim pessoalmente, que desde já agradeço à Igreja. Para quem – como nós no SJIL – desenvolve trabalho de âmbito diocesano, estar no Sínodo é uma oportunidade única para compreender o funcionamento da Igreja nas suas várias estruturas, mas também para testemunhar o envolvimento e a participação de tanta gente (leigos e clérigos) na construção da Igreja que queremos ser – o que também nos faz sentir acompanhados e nos motiva para a missão.

O que levou o SJIL a apresentar ao Sínodo uma proposta que inclui uma preocupação especial com a área do “Discernimento vocacional”?

O SJIL entende que o apoio ao discernimento vocacional é uma área muito importante no trabalho da Igreja, especialmente para os jovens, que numa sociedade tão secularizada e com tanto ruído podem ter mais dificuldade em “silenciar para ouvir”. Assim, a recomendação que continuamos a deixar à Igreja é de que nos próximos dois anos trabalhe no sentido de investir mais nesta área, através da criação de oportunidades ou espaços de encontro, que permitam aos jovens (e não só) crescer na Fé, na espiritualidade e no discernimento vocacional. O SJIL irá também, dentro das suas capacidades, procurar trabalhar neste sentido, apoiando cada vez mais os jovens neste seu caminhar.

De que forma o SJIL se propõe a ajudar a Igreja Lusitana a concretizar a outra vossa proposta acerca da Eco-Teologia numa Eco-Igreja?

No Sínodo, o SJIL assumiu a criação de um “Guia Verde” com indicações de medidas sustentáveis a serem adotadas pela Igreja nas suas diversas estruturas (diocesanas ou locais), no sentido de nos tornarmos, nos próximos dois anos, uma Igreja na linha da frente do combate às alterações climáticas. Assim, iremos propor a todos os fiéis e aos seus representantes nas várias áreas a adoção destas medidas, sempre que possível, procurando que o Cuidado com a Criação seja prioridade de todos no próximo biénio.



José Carlos Le-Retord Antunes

Representante Paroquial de S. Tomé

Que momentos e temas do Sínodo o marcaram mais?

Este Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana foi marcante para mim porque pude ter o privilégio de participar em mais um dos seus momentos marcantes, já com 140 anos de História e muito esforço e dedicação deixado para nós pelos nossos antepassados que souberam granjear-nos com um rico e prestigiado legado Histórico que está a ser (e bem) cuidado pelo nosso arquivo. Foi importante expressar a realidade da minha paróquia (S.Tomé) assim como ouvir outros membros (de outras paróquias) procurando um rumo e uma estratégia para os próximos 2 anos num sentimento de caminhar único.

Que áreas de Missão sublinharia como prioritárias para o crescimento e desenvolvimento da Diocese da Igreja Lusitana?

A área de Missão que eu sublinharia como prioritária prende-se sobretudo com um papel social mais ativo ajudando o “próximo” numa vertente social e local mais abrangente fazendo face às muitas dificuldades geradas nesta nova crise pandémica auxiliando as autarquias locais a chegar onde é necessário numa vertente pública local e não apenas num círculo fechado ou dentro da Igreja, colocando assim verdadeiramente em prática o que Jesus nos ensinou: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Através desta missão a Igreja tornar-se-á certamente mais forte e uma espalhando o Evangelho àqueles que vivem sem esperança neste mundo.



Mazukielves Morais

Representante Paroquial de S. Paulo

Tendo participado pela primeira vez no Sínodo da Igreja Lusitana, de que forma o viveu e experienciou?

Participar do Sínodo foi uma experiência nova que criou em mim um amor ainda maior por nossa Igreja. Pude compreender melhor a dinâmica de que enquanto comunidade a caminho, precisamos estar sempre atentos, principalmente em relação aos desafios que o discipulado e diaconia (serviço) nos pede.

Foi muito gratificante pra mim representar nossa Paróquia-Catedral, gratidão essa que propõe também responsabilidades para que nossa Igreja possa continuar a ser um sinal de luz e sal no mundol. O Sínodo me ensinou muito sobre a importância de uma comunidade aberta a todos, de estarmos atentos e dispostos a dar espaço, sempre que necessário, para que o outro possa entrar e conosco ajudar a construir um mundo mais igualitário e fraterno.

Vindo de outro contexto cultural e religioso – Brasil – como encara o contexto religioso em Portugal, como vê a Igreja Lusitana, e que desafios pensa estarem diante de nós nos próximos tempos?

A nossa Igreja Lusitana é uma comunidade com características próprias e o contexto religioso não é tão diferente como o contexto que vive a Igreja do Brasil. Se o povo sofre, sente dor, fome, a Igreja sofre junto. Ser cristão no mundo de hoje é, além de um desafio pessoal, uma oportunidade de mostrarmos ao mundo que Cristo está realmente Vivo. E é através de nossas ações/reações que o Ressuscitado poderá ser amado e reconhecido. Precisamos perceber que, cada um de nós, independente de nossas fragilidades somos convidados a participar da construção de um mundo novo e melhor.

Em minha opinião os desafios são dois: Missionário e vocacional.

Primeiro em nos reconhecermos como uma Igreja missionária, seja no reavivamento dos pontos missionários existentes ou na criação de novas comunidades. Isso exigirá que estejamos comprometidos com a hospitalidade e a inclusividade. Trazendo para perto de nós aqueles que estão afastados ou de alguma maneira se sentem excluídos do convívio comunitário da fé cristã. Por último, identificar, celebrar e motivar os dons vocacionais de cada um, criando engajamento e fomentando maior comprometimento com a comunidade.

RECONHECIMENTO, MEMÓRIA, COMPROMISSO

Dos trabalhos Sinodais destacaram-se ainda momentos muito significativos e especiais para a comunhão e missão da Igreja. O primeiro foi a aprovação por unanimidade e aclamação da proposta de nomeação do presbítero Reverendo Professor Doutor João Evangelista de Jesus Hipólito para Cónego da Catedral de S. Paulo em Lisboa.



O segundo foi uma sentida homenagem a António José Vaz Pinto dos Santos, que fielmente durante muitas décadas serviu a Igreja Lusitana, nomeadamente como Tesoureiro e Secretário da Comissão Permanente e que por razões de saúde e de idade, deixa a partir deste Sínodo de exercer responsabilidades a nível diocesano.



Também o Sínodo exprimiu a sua gratidão pelo trabalho desenvolvido ao longo de dois anos e em várias áreas pela missionária leiga Catarina Sá Couto que parte agora em Missão de apoio aos refugiados em Calais (França) e que a partir de Janeiro de próximo irá integrar a comunidade monástica de Stº Anselmo que vive no Palácio de Lambeth em Londres, residênciatambém do Sr. Arcebispo de Cantuária, Justin Welby.



Por último e no contexto democrático e participativo do Sínodo da Igreja foram eleitos os novos membros para os diversos cargos dos órgãos diretivos da Igreja. Os novos membros eleitos tomaram posse em cerimónia própria de oração e compromisso perante o bispo que invocou a assistência do Espírito Santo para os trabalhos a realizar no contexto diocesano e a decorrerem no biénio de 2020 a 2022.



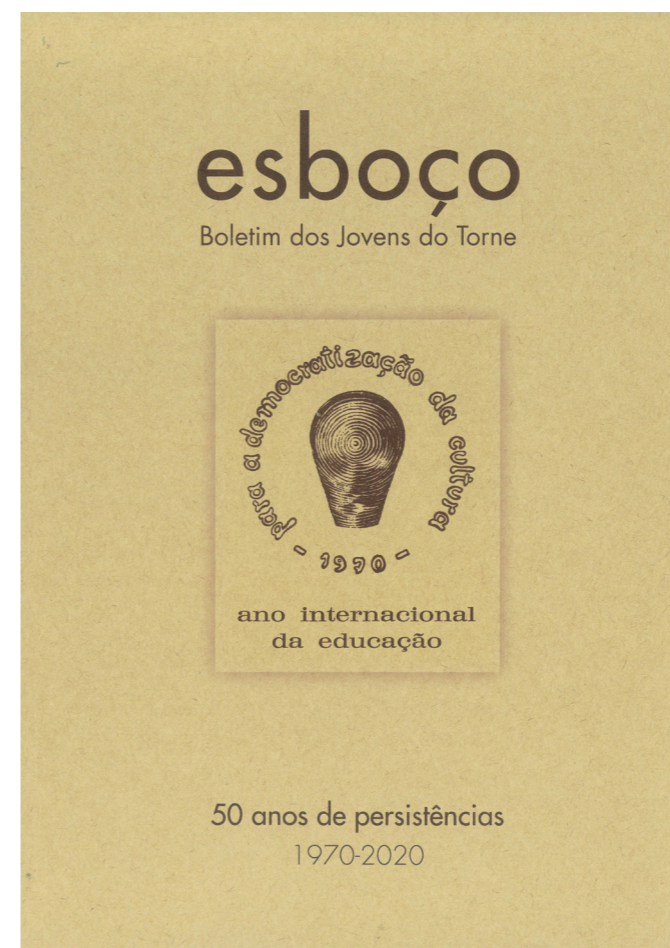
PUBLICAÇÕES EM DESTAQUE



Com a chancela do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos e do Arquivo Histórico Diocesano foi recentemente editado o livro «Igreja Lusitana – uma breve história» da autoria do historiador e membro da Igreja Lusitana Dr. António Manuel S. P. Silva.

O volume insere-se no contexto celebrativo do duplo aniversário dos 140 anos da Igreja Lusitana e dos 40 anos da sua integração na Comunhão Anglicana. Ao longo das páginas da obra e através de uma escrita elegante e erudita o leitor é levado a conhecer os contextos históricos e sociais subjacentes ao aparecimento e desenvolvimento de um caminhar de uma Igreja que atravessa já três séculos da nossa história.

Com uma profusa ilustração de fotografias e documentos históricos são realçadas as diversas fases da afirmação de uma identidade eclesial própria e diferenciadora no panorama nacional bem como as personalidades que lhe deram corpo. A vertente pedagógica da obra torna-a de leitura acessível para todos conferindo também ao povo da Igreja mais um elemento de sustentação para a Missão esclarecida que é chamado a desenvolver.



No dia 26 de Setembro passado, pelas 14.30h, realizou-se no Solar dos Condes de Resende – Vila Nova de Gaia, um Colóquio designado “O Esboço: Património, Educação e Juventude nos anos Sessenta”, que refletiu sobre a atividade da juventude do Torne nas suas lutas pela liberdade, justiça social, étnica, racial, e ecumenismo, entre outras causas!

Nesta década 60/70 foi importante a participação deste grupo nestas questões e causas, através de uma publicação a que chamaram: “Esboço- Boletim dos Jovens do Torne”. Este Boletim teve apenas três números porque foi rejeitado pela censura que o classificou como “ilegal e inconveniente no seu contexto”.

O Colóquio foi o contexto próprio para o lançamento de uma edição fac-similada do boletim comemorativa das Jornadas Europeias do Património 2020: Património e Educação e dos 50 anos da proibição da publicação do Esboço.

É uma edição conjunta do Gabinete de História, Arqueologia e Património dos Amigos do Solar Condes de Resende, da Paróquia Lusitana de S. João Evangelista e do Arquivo Histórico da Igreja Lusitana.

ECONOMIA DE VIDA

MENSAGEM ECUMÉNICA CONJUNTA



A atual pandemia de Covid-19 interrompeu muitos aspectos da vida, num mundo já com tanto sofrimento. Em resposta, as organizações ecumênicas - o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), a Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas (WCRC), a Federação Luterana Mundial (FLM) e o Conselho para a Missão Mundial (CWM) - por iniciativa de Organização para uma Nova Arquitetura Financeira e Económica Internacional (NIFEI), organizaram entre 17 e 24 de abril de 2020, uma videoconferência subordinada ao tema: "Economia de vida em tempos de Pandemia". Um painel de especialistas contribuiu com análises socioeconómicas, teológico-éticas e recomendações práticas para uma transformação sistémica como pedia a Declaração de São Paulo "Transformação Financeira Internacional para uma Economia da Vida".

A crise desta Pandemia enraíza-se nas fragilidades humanas que resultam de sistemas económicos opressivos e exploradores, baseados na obtenção de lucros, desigualdades socioeconómicas, indiferenças ecológicas, interesses políticos, e legados coloniais. Esta mensagem ecuménica conjunta tem como objectivo expressar uma profunda preocupação, e também apelar às comunidades Cristãs, governos e instituições financeiras internacionais para procederem a ações que tratem das causas profundas desta crise. Pela sua oportunidade e importância o Novo Despertar faz eco desta mensagem, traduzindo e adaptando o texto inicial.

A - A pandemia Covid-19 expõe crises económicas e ecológicas interrelacionadas

Esta pandemia estimula a catástrofe económica. A emergência na saúde pública é o sintoma de uma crise mais profunda e décadas de austeridade. Na Europa do Sul, é o resultado das duras condicionantes da dívida, e no Norte, do colapso financeiro de 2008 e estes fatores tornaram indefesos muitos países totalmente diante desta ameaça. (...)

A crise ecológica que o mundo enfrenta - consequência direta dos sistemas económicos em que a humanidade se comporta e acredita que pode tratar a terra como um recurso ilimitado de exploração - está intimamente relacionada com esta pandemia. Cientistas que monitorizam a biodiversidade e saúde dos ecossistemas lembram-nos que "desflorestações desenfreadas, expansão descontrolada da agricultura intensiva, mineração e desenvolvimento de infraestruturas, e a exploração de espécies selvagens, criaram a "tempestade perfeita" para o desenvolvimento exponencial de doenças ". Além disso, a expansão do coronavírus é o resultado da urbanização e viagens aéreas globais que expõe "a mão humana à pandémica"(...)



World Council of Churches



World Communion of Reformed Churches



THE LUTHERAN WORLD FEDERATION



a partnership of churches in mission

Medidas para resolver os seus impactos socioeconómicos têm sido paliativos e principalmente direcionados para acudir a corporativismos em vez de pessoas. Em alguns lugares, as economias estão a retomar as suas atividades mas com riscos de morte, colocando a questão do comércio entre, o resgate da economia ou salvar vidas. Como em muitas outras crises, os vulneráveis, os trabalhadores com salários baixos e informais, os pobres, mulheres, pessoas de cor, migrantes e refugiados sofrem mais o impacto em termos de perda de vidas e subsistência. (...)

A situação atual afeta os direitos humanos, fortalecendo os autoritarismos. O Covid-19 está a ser usado para agitar a xenofobia e o racismo, colocando mais em risco os grupos marginalizados e os defensores dos direitos humanos. O confinamento mostrou que muitos continuam a ser incapazes de escapar da violência doméstica, mas esta crise tem destacado o imenso valor dos cuidados de saúde, e a intensa carga de trabalho que recai sobre as mulheres. A economia assistencial está a ser valorizada, quando esse mesmo trabalho no contexto do capitalismo apenas representou mais opressão sobre as mulheres e os trabalhadores migrantes. (...)

Quando o capitalismo sente o impulso para amar e cuidar fá-lo com o desejo de competir, no entanto assistimos em todo o mundo a comunidades que mobilizaram grandes reservas de compaixão, bondade e generosidade, onde os mercados falharam. Isso ressalta o potencial da economia baseada no cuidado dos mais vulneráveis, no cuidado uns dos outros e da terra.

B - Viver através da Revelação do Covid-19 em direcção a uma Criação Renovada

Vivemos tempos apocalípticos e a ser lembrados que o termo "apocalipse" significa mostrar, revelar. Em momentos como este, o Covid-19 não é um grande "nivelador", mas o grande "revelador". À sua luz podemos novamente ver realidades distorcidas e desigualdades que os interesses poderosos fazem passar por "normais" e inquestionáveis.

O Covid-19 tornar-se-á no grande nivelador se soubermos usar aquilo que ele nos mostra para desencadearmos a transformação necessária para socorrer os que têm sido postos de lado e as vítimas da exploração de sistemas supermacistas. Isto representa um pedido de conversão, e nela a chamados a gemer com a criação na sua esperança de redenção (Romanos 8:22-23).

C - Entre tantas ideologias prejudiciais que distorcem a realidade e tiram capacidades aos mais vulneráveis e de uma perspectiva ético-teológico nós proclamamos o seguinte compromisso:

1 - Tomar consciência da nossa arrogância.

O Covid-19 oferece-nos uma nova humildade que nos deve dar um novo comprometimento para viver de forma a não tirar lucros, nem da terra, nem o sustento à custa das outras pessoas, nem infligir dor alimentada por sistemas que exigem o sacrifício dos vulneráveis que fazem parte das comunidades humanas. Voltamos a tomar consciência dos pecados cometidos pelos sistemas económicos governados pelas supremacias do antropocentrismo.

2 - Alimentar as comunidades.

Amor, carinho e conexão são elementos-chave para a resiliência face ao Covid-19. O distanciamento físico deve ser contrabalançado por aspectos familiares e solidariedade social. À medida que nutrimos a comunidade, novos modelos e valores económicos devem florescer não enraizados na competição, mas no cuidado uns pelos outros e pela terra; podem surgir outras concepções de família, para lá das patriarcais e de parentesco, e lideradas pela visão dos mais vulneráveis, e assim lançarmos a base de novas concepções de comunidade, onde fronteiras caíam, o racismo desmantelado e a xenofobia substituída pela hospitalidade radical.

3 - Combater interesses adquiridos.

Mesmo na crise provocada pelo Covid-19, existem interesses que lucram ou controlam a forma como esta crise é gerida e vivida. Estamos na mesma tempestade, mas não estamos todos no mesmo barco. Os poderes devem ser confrontados com a crise e a morte e com as dívidas das quais extraem lucros.

4 – Sistemas transformadores.

O Covid-19 está a causar medo, a derrubar as seguranças e até a minar a fé. Neste momento de crise, precisamos de uma teologia libertadora aliada a uma redenção económica (...) e talvez seja necessário pôr de joelhos alguns sistemas gigantescos. Devemos reconstruir tudo de forma muito melhor, para assegurarmos uma economia de vida baseada na justiça e na dignidade para todos. Este é um momento profético.

Como Igrejas, vemos o caminho para uma nova criação. Esta luta fornece-nos o fruto da redenção da terra e o afastamento da sua exploração arbitrária. É uma esperança escatológica enraizada não no fim dos dias, mas na queda dos sistemas pecaminosos. Tudo será mudado (1 Coríntios 15:51) se esta é a verdade que nos é dita, as velhas idolatrias do império e da economia são derrubadas e os cuidados do Criador refletidos na criação profundamente abençoada, e não na sua exploração sem fim.

D - Um apelo urgente à ação, mantendo a promessa de uma nova criação.

1 – Como questões de urgência e a curto prazo:

Renovamos o nosso pedido para que bancos e instituições financeiras internacionais cancelem as dívidas externas dos países de baixo e médio rendimento. (...) No espírito restaurador e libertador do Jubileu, os países, especialmente do Sul, precisam de fortalecimento para enfrentar os desafios da crise do Covid-19, particularmente na garantia de financiamento para a construção de resiliência e meios de subsistência de pessoas e comunidades. Reiteramos nosso apelo à implementação das propostas fiscais que estão a ser defendidas pelas Igrejas e pela sociedade que numa iniciativa ecuménica global tem como objectivo reduzir as desigualdades e sensibilizar para as emergências ambientais através de taxação corporativa e patrimonial.*

2 – Numa trajetória de médio e longo prazo:

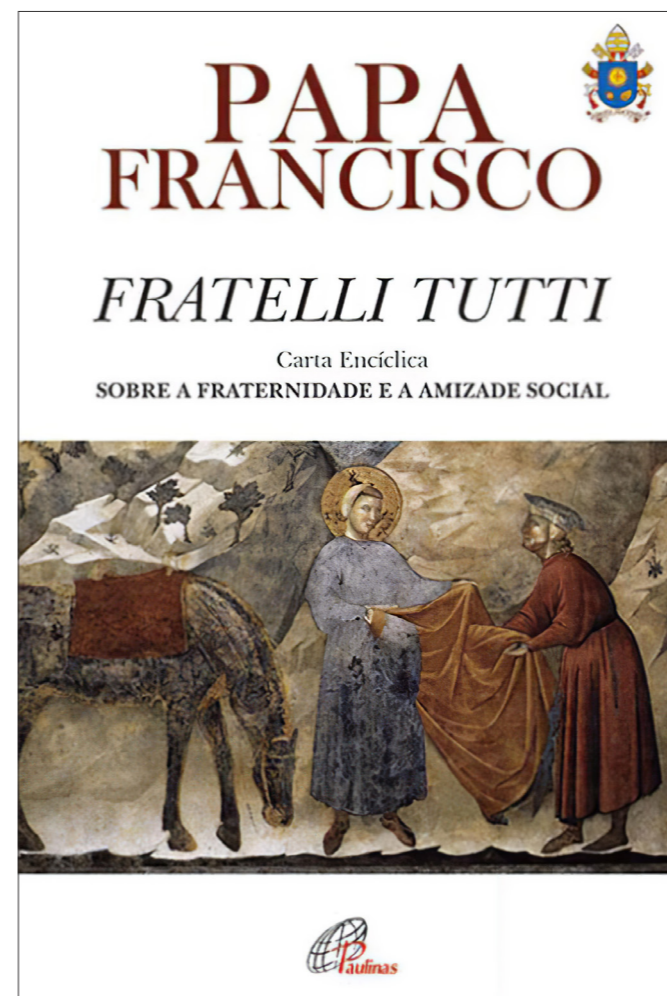
Apelamos aos governos para recuperar e salvaguardar bens públicos e bens comuns ecológicos de processos neoliberais de privatização e mercantilização; para garantirem salários dignos para todos; e privilegiarem áreas de afirmação da vida como a saúde, a educação, água e saneamento, agroecologia, e energias renováveis na recuperação do Covid-19 e nos planos de longo prazo. (...) Nenhum país é uma ilha.

A atual conjuntura e o crescente desastre climático exigem coerência, colaboração, inovação e transformação a uma escala global. Finalmente, convidamos as nossas comunidades cristãs a comprometerem-se na busca uma Nova Arquitetura Económica e Financeira Internacional (NIFEA), a fim de contribuírem para modelar uma Economia de Vida no nosso trabalho e na nossa vida, e unirem-se aos movimentos sociais e enraizados na amplificação da defesa das emergências acima mencionadas e nas medidas e mudanças sistémicas. (...)

*Este parágrafo expressa o conteúdo de um projeto de solidariedade social e humana que é conhecido nos países que o subscrevem como “Imposto Zaquau”. Foi decidido dar-lhe este nome inspirado em Zaquau que quando diante do Senhor se arrependeu do seu mau comportamento como cobrador de impostos e lhe disse: “Ó Senhor! Vou dar aos pobres metade de todos os meus bens e às pessoas a quem prejudiquei vou dar-lhes quatro vezes mais” cf. Lucas 19:1-10.

Compromisso Compartilhado: Cuidar Juntos da Nossa Casa Comum

A pandemia de Covid-19 revelou o facto de que vivemos juntos num ambiente económico, social e numa só casa ecológica. A nossa resposta a essa crise de saúde global e às suas mais colossais e duradouras consequências económica e ecológica devem-nos fazer reconhecer a nossa interdependência intrínseca e manter unidos os nossos objetivos económicos, sociais e ecológicos. Isso exige cooperação e solidariedade dentro e através de todos os países incorporados em redes de comunidades religiosas, sociedade civil e movimentos sociais, bem como novos sistemas de governação global enraizados na justiça, assistência e sustentabilidade. Através de tal ação e nesse espírito, podem ser encontrados meios, se formos ousados, de enraizar os nossos sistemas, poderes e corações, não na ordem antiga, mas na nova criação.



Foi editado em Outubro passado uma Carta Encíclica do Papa Francisco dedicada à Fraternidade e Amizade Social. É um texto surpreendente no qual Francisco coloca o mundo diante dos desafios futuros. Resultante de uma maturação baseada na sua observação da modernidade, o texto aproveita esta época para recordar que confinamentos e distanciamentos não são a essência nem da Humanidade, nem da Igreja. Exorta todos a fazerem o seu melhor para permitirem que passada a pandemia, não vença nem se oficialize o medo do Próximo.

Francisco medita sobre o Bom Samaritano como a parábola para este tempo. Mostra-se muito atento aos movimentos mais discretos da sociedade e transmite-nos a certeza de que ninguém pense que alguma coisa ou algum pormenor escapa à sua observação. Como sinal disso, e de que o seu pensamento é espiritualmente irrevogável, fez questão de a assinar diante do túmulo de Francisco de Assis, o Santo da grande Fraternidade e Amizade.

A Fraternidade e a Amizade Social, sendo dons de Deus, podem ser encontradas também para lá dos muros da Fé e das Igrejas destacando contudo o papel único e insubstituível das Igrejas e Religiões na construção da fraternidade e na defesa da justiça. Referindo entre outros o Arcebispo Anglicano e Prémio Nobel da Paz, Desmond Tutu, como exemplo a seguir na construção de um perdão sem esquecimentos, Francisco apela ao compromisso de todos os homens e mulheres de boa vontade. Recomendamos a leitura deste texto que contribui para promovermos lugares Ecuménicos de Missão, Oração e Trabalho.



Foi publicado um livro intitulado “Desfolhando Vida” da autoria de Ireneu da Silva Cunha, Bispo Emérito da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa. Trata-se de uma recolha de experiências de vida que o Autor foi publicando no Facebook.

Na primeira Memória, o Autor confessa que umas palavras de José Saramago desencadearam nele o desejo de fazer esta recolha. É notável ter sido este escritor – pouco dado à religião – a inspirar este livro.

Aprendemos das lições destes apontamentos, que na vida dedicada a Deus podemos ir a lugares distantes, ou cumprimentar muitas pessoas, mas o coração, está sempre na nossa Igreja! Há neste livro uma mistura de sentimentos e ansiedades, concretizações e sonhos, que nos lembram os desafios sempre inspiradores do Ministério pastoral. Inspiradora é também a presença constante da sua esposa D. Maria Teresa Cunha.

O compromisso e a vivência ecuménica do autor ao longo da sua vida, está também expresso nas páginas da obra e permite recolher elementos históricos e significativos do movimento ecuménico em Portugal.

O Novo Despertar agradece ao Bispo Emérito Ireneu Cunha o nos ter enviado um exemplar deste livro, e damos graças a Deus pelo seu extraordinário Ministério, desejando-lhe e à sua esposa a continuação de vidas abençoadas por Deus.

O DISCURSO DO ÓDIO

«Proclamem a verdade com amor» (Efésios 4,15)

Dada a sua atualidade e importância o Novo Despertar publica neste número um resumo das reflexões mais significativas feitas sobre «O discurso do ódio» na VI Escola de Verão sobre Direitos Humanos promovida pela Conferência das Igrejas Europeias (CEC) em Lisboa em Junho de 2019 com o apoio do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC). Estas reflexões estão presentes no vídeo intitulado «respostas ao discurso do ódio» recentemente realizado pela CEC e disponível no site do COPIC em www.copic.pt.

Os diversos tipos de discursos de ódio estão neste momento no topo das discussões e preocupações da maior parte dos países do mundo. Judeus, Muçulmanos, Cristãos ou membros de outros grupos religiosos, especialmente fazendo parte de grupos minoritários, são os que mais têm sofrido com o discurso do ódio, acrescido de experiências de subjugação e perseguição. Mas para além das motivações religiosas também se podem encontrar as questões relativas aos emigrantes, aos refugiados ou até mesmo às pessoas portadoras de deficiências físicas...

O discurso do ódio, que se está a espalhar de forma cada vez mais dramática especialmente através dos meios de comunicação e redes sociais, representa para as Igrejas Cristãs um momento muito perigoso que requer cuidado, estratégia e ação comum.

A 18 de Julho de 2018, o Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, lançou um Documento com uma estratégia e plano de acção, e muito importante, definindo do seguinte modo o discurso do ódio: "O discurso do ódio é entendido como qualquer tipo de comunicação escrita ou comportamental que ataca ou usa de formas abusivas ou pejorativas, referências a pessoas ou grupos de pessoas baseado na identidade, etnicidade, nacionalidade, raça, cor, descendência, género ou qualquer outro fator identitário."

O objetivo desta iniciativa é aprofundar a compreensão por parte de todas as entidades da ONU acerca do impacto insidioso do discurso de ódio e começa que todos os seus próprios organismos podem abordá-lo de forma cada vez mais eficaz. António Guterres acrescentou ainda no seu discurso: "todo o ódio é em si mesmo um ataque à tolerância, à inclusão, à diversidade e à própria essência das nossas normas e princípios de Direitos Humanos."

Sendo um fenómeno preocupante já em Portugal, sente-se também um pouco por todo o mundo um aumento muito significativo do seu uso. Com o discurso do ódio estão-se a fundamentar novos antissemitismos, islamofobias e mesmo um anticristianismo crescentes. A sua estratégia é ir-se impondo em pequenas porções como se se tratasse de um veneno que vai contaminando a vida das comunidades em todas as suas dimensões.

Algumas das razões apontadas para explicar este fenómeno prendem-se com o medo e a incerteza e a falta de esperança perante o futuro. O velho mundo está a ruir, mas não se vê no horizonte nada acerca de como vai ser o novo mundo, e isso está a tornar as pessoas inseguras. A comunicação social, infelizmente, tem contribuído muito para o facto do discurso do ódio se começar a tornar cada vez mais normalizado, não esquecendo que vivemos num mundo onde coexistem muitas "teorias da conspiração e Fake News", o que faz com que se comece a perder e a diluir a ideia clara dos factos e da realidade dos acontecimentos.

A questão inevitável colocou-se: então o que é que está ao nosso alcance fazer acerca deste tipo de discurso?

As sugestões saídas do debate podem ser resumidas da seguinte forma: teremos que ser capazes de "contra-argumentar" e providenciar "contra-exemplos" concretos, e muito em especial fazer com que as pessoas se encontrem, se conheçam umas às outras, e se entendam umas com as outras, para que as barreiras e preconceitos desapareçam. É necessário ensinar as pessoas a identificar os discursos do ódio, para que não tenham dúvidas nem sejam enganadas quando ele surge. Precisamos de reafirmar como Igrejas, que a mensagem Cristã é uma mensagem de esperança, de vida e amor. Não nos podemos cansar de enfatizar a inclusão, e as questões do respeito e da abertura aos outros.

PROVOCAÇÕES

ABUSOS

HUMILHAÇÃO

INSULTOS

CENSURA

RAIVA

AMEAÇAS

BULLYING

Para isso também é importante que as Igrejas tenham lideranças fortes na contestação de alguns discursos deste carácter mesmo quando procedem dos meios políticos. Uma das atitudes que é inerente à existência da Igreja Cristã é que ela: "é um lugar de boas-vindas a todos os que são vítimas do discurso do ódio, e ao dar as boas-vindas deve fazê-lo de forma assumida e pública, afirmando sem medo que estas pessoas são nossos irmãos e irmãs e que nós lhes damos as boas-vindas".

Também não podemos ignorar que o que neste contexto está verdadeiramente em causa é o fundamento e a definição das nossas democracias, e do nosso conceito e definição de liberdade de expressão e interação. Para defender estes princípios é importante sermos capazes de agir de uma forma civilizada. Talvez seja isto mesmo o que mais esteja em jogo neste momento da História.

Como presidente do COPIC, o Bispo D. Jorge Pina Cabral, presente no encontro fez as seguintes afirmações que convêm ficar aqui registadas:

"Enquanto Cristãos acreditamos na diversidade. Como Cristãos acreditamos que ao estar juntos conseguimos partilhar mais os nossos valores, mas também acreditamos que cada país da Europa tem a sua forma peculiar de construir sociedades mais democráticas e participativas".

Este é um desafio para todos nós e por ele temos que trabalhar e orar juntos.



O USO DA LINGUAGEM DO SAGRADO

NO CONTEXTO DE UMA PANDEMIA PROFANA

“ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DE UM RAPTO DA LINGUAGEM”

“Dedico este livro ao meu bisavô, que falava dezasseis línguas - todas em inglês!”

Da Dedicatória de um livro de recolha de Humor Judaico

Um dos fenómenos humanos que mais me fascina é o processo linguístico e a forma como comunicamos, quer falando, quer por esse outro processo que parece ser uma capacidade exclusivamente humana que é o da escrita. As formas como comunicamos estão sempre abertas ao desencontro, ao desentendimento e à má interpretação, mas não podemos escapar a isso...e para ser honesto muitas vezes quando o desentendimento e a má interpretação resultam no debate que proporciona uma outra diversidade de sentidos, até passa a ser um contributo extra para as ideias e para o discurso. Haja inteligência, discernimento e respeito e tudo corre bem!

A Sagrada Escritura é apaixonante precisamente por causa dos mecanismos linguísticos através dos quais o texto tem passado pelos séculos e pelos milénios. Um texto sempre na procura do seu sentido e da sua fidelidade, mas que sistematicamente se vê submetido a passar de cultura para cultura e sempre com a necessidade inevitável de que nada se pode perder da sua profundidade, simbolismo e conteúdo de cada palavra – o que desde já podemos imaginar não ser nada fácil, e que representa um esforço enorme, que em muitos casos ainda não está completamente resolvido. Mas o ser humano quando tocado pela Escritura, pela Igreja e pela Espiritualidade, mostra-se muito mais flexível do que o que podemos imaginar.

Espanta-me sempre reencontrar palavras que pertencem à linguagem da Espiritualidade, e da Igreja, “raptadas” e muitas vezes “descontextualizadas”, - termo que já começou a ser posto em causa por servir para todas as justificações, mas no entanto omnipresentes nos diversos discursos, pressupostamente descristianizados, mas que mesmo assim arriscam expressões cristãs de grande impacto no discurso profano e secular dirigido ao grande público, mesmo que nem sempre o grande público se aperceba disso!

Do ponto de vista pessoal simpatizo com artigos de opinião política, análise social e crítica artística e acabei por recolher um conjunto de artigos de pensadores como o Ensaísta Eduardo Lourenço e o Filósofo José Gil, ou arti-

gos citados de publicações estrangeiras que refletiam no que se estava a passar noutros lugares do mundo, cada autor usando os seus saberes e as suas especialidades como a Antropológica, a Filosofia, a História, as práticas Artísticas, a Medicina ou as tecnologias de ponta. Desta vez tentei ir mais longe e ler com atenção artigos e colunas que normalmente não leio, mas motivado pelo interesse em conhecer os limites do uso das palavras e para tentar perceber se essas palavras e os seus usos tinham sentidos e conteúdos válidos, ou se não passavam de meros exercícios de “hipnose comunicacional”.

Tendo tempo e alguma paciência extra, experimentei ler relatórios e opiniões de técnicos e especialistas de áreas das quais não possuo conhecimento suficiente para entender uma única palavra e que muitas vezes parece que escrevem uns para os outros através de sinais de fumo... Nem tudo foi fácil, nem sempre agradável, mas nada impossível.

Para partilhar convosco estas reflexões voltei a ler um pouco de enfiada os artigos que fui assinalando à procura de reencontrar expressões de linguagem, integral ou parafraseadamente provenientes das Sagrada Escritura, da Liturgia da Igreja, ou do mundo da espiritualidade em geral, e que já me tinham chamado à atenção. Não consigo concluir se o seu uso foi intencional, consciente ou inconsciente. Saber isso talvez até nem seja assim tão importante.

Para mim o mais importante é que apesar da famosa secularização - que cada vez mais suspeito que não existe tanto como se apregoa por aí, ou se só se diz que existe para preencher o objeto vazio de alguns saberes, as palavras aí estão. Parece-me que as imagens, as expressões e os simbolismos da(s) Religião(s) estão muito mais presentes e instaladas na mente, e na memória coletiva do que o que se possa pensar e mesmo em individualidades políticas e científicas que publicamente fazem questão de se afastar de qualquer conotação religiosa, confessional ou que noutras circunstâncias publicamente se afirmam como não-crentes, agnósticos ou ateus!



Assim, inevitavelmente começamos por definir: “Se eu pudesse acreditar em Deus, diria que a pandemia é um aviso para o sapiens”; “este é um vírus que nos tendo atacado parece representar uma punição por causa do mau comportamento moral e ético da humanidade”.

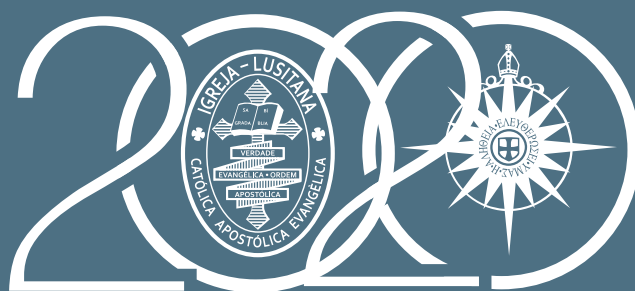
Por outro lado a este tipo de postura a comunidade científica responde dizendo: “Esta pandemia não é nem obra de Satanás nem castigo de Deus, mas tão somente uma nova oportunidade...”; “alguns partidos políticos para enfrentar esta pandemia tiveram que estabelecer entre si uma nova aliança e um pacto espiritual”; “...depois de termos abusado das vacas gordas, aproxima-se agora o tempo das vacas magras...”; “...depois de tudo isto passar, muitos ídolos com pés de barro irão tombar...”; “...a Igreja não celebrou presencialmente nem a Semana Santa nem a Páscoa, mas valha-me Deus, não se pode pedir ao país que se suspendam as celebrações que marcam a Liturgia da Democracia e da Liberdade”; “...como no Apocalipse a Besta aproxima-se com o furor de quem devora tudo à sua passagem...”. Simpatizo em particular com esta investida no domínio incómodo e misterioso da Metafísica: “Este vírus, cuja porta foi aberta pelo diabo, permite-nos ver e conhecer face a face todos os demónios que estão prontos a sair das profundezas do inferno só para nos atormentar...”.

Entre muitas outras reflexões encontramos centenas de vezes a clássica afirmação: “Deus escreve direito por linhas tortas...”. Sem estar relacionado com a religião mas com o medo, que é para muitos a matriz do religioso, registei com um solitário sentido de humor uma história contada por um conhecido filósofo que terminou da seguinte forma um ensaio sobre o medo obsessivo da contaminação: “um homem que se julgava um grão de milho é internado num hospício onde os médicos dão o seu melhor para o convencer que ele não é um grão de milho mas um ser humano. Assim que é dado como curado, é autorizado a sair do confinamento, mesmo à porta de saída teve uma recaída e volta para dentro a tremer de medo e diz: Do lado de fora da porta está uma galinha, receio que esta me coma! Ao que lhe responde o médico: Caro amigo, você já sabe muito bem que não é um grão de milho. Mas o paciente responde: eu sei, mas a galinha, não!” Deus esteja conosco, mas também é necessário haver paz nos corações e inteligência na mente, parece-me que será a melhor receita, defesa e proteção para tudo o que já se passou e para o que ainda poderá chegar...

José Manuel Cerqueira

IGREJA LUSITANA

1880-2020
140 ANOS DE HISTÓRIA E MISSÃO



COMUNHÃO ANGLICANA

1980-2020
40 ANOS DE PERTENÇA

«CELEBRAI COM JÚBILO AO SENHOR»
(SALMO 100)